

SANTOS EM COMISSÃO: as festas religiosas no Andirá-Mirim, Barreirinha-AM ¹

Ronaldo Adriano Ferreira da Silva ²

Joao Marinho da Rocha ³

RESUMO: O estudo discute a manifestação cultural de cunho religioso denominada “Santo em Comissão” na Região Andirá-Mirim. Práticas anteriores ao processo de institucionalização das comunidades pela diocese de Parintins-AM. A partir de fontes de memória, registradas por meio da metodologia da história oral, evidenciamos: os motivos para tornar-se um festeiro; os processos de preparação da festividade; a formação das comissões para arrecadar donativos para festa e por fim uma cartografia dos lugares onde ocorriam os festejos, nos quais, os santos eram festejados em suas respectivas datas pelos seus festeiros na região Andirá-Mirim. Os diálogos teórico-metodológico entre história social da cultura, da memória e da história oral permitem conhecimentos acerca dos processos históricos e sociais, objetivados nessas práticas socioculturais e religiosas, configuradas hibridamente entre saberes de povos indígenas, ribeirinhos, com destaque para nordestinos ali chegados ao longo do século XX. **Palavras-chave:** Memória; História; Práticas socioreligiosas; Andirá-Mirim.

INTRODUÇÃO

A presente temática surgiu a partir do momento que ingressei no Centro de Estudos Superiores de Parintins-CESP-UEA no curso licenciatura em história em 2015. Cultivei o interesse em historicizar a existência dos meus avós paternos Antônio Vieira e Maria Nezila a partir das celebrações culturais de santo na região Andirá-Mirim, local onde nasci e cresci ouvindo relatos da migração de nordestinos para Amazônia e sobre a cultura festejada em honra à Nossa Senhora do Livramento.

A partir da vivência em família e dos relatos por mim escutados acerca da cultura popular no contexto mencionado, foi possível traçar a delimitação do tema, ainda que, gradativamente, ele tenha sofrido modificações devido o surgimento das comunidades institucionalizadas, para que pudessem resistir ao processo instituído pela diocese do município de Parintins, adaptaram-se modificando seus costumes e tradições como forma de resistência. Esta inquietação em conhecer a cultura Andiraense instigou-me a pesquisar, e produzir o referido artigo, por ser neto de Antônio Vieira e Maria Nezila Belém Maciel, moradores pertencentes à comunidade Cristo Redentor, festeiros e agricultores, migrantes e descendentes de Nordestinos. Devido às crenças, passaram a ser festeiros assíduos de uma dessas festividades, particularmente em honra à Nossa Senhora do Livramento, denominada “Santo em Comissão”, realizada anualmente no dia 2 de

¹ Artigo apresentado a Universidade do Estado do Amazonas. Centro de Estudos Superiores de Parintins. UEA/CESP, como pré-requisito para o título de Licenciatura Plena em História.

² Acadêmico graduando em história na Universidade do Estado do Amazonas- Centro de Estudos Superiores de Parintins /CESP/UEA. E-mail: ronaldoadrianos650@gmail.com

³ Professor Assistente da Universidade do Estado do Amazonas. Centro de Estudos Superiores de Parintins. UEA/CESP. Doutorando do Programa de Pós-graduação “Sociedade e Cultura na Amazônia”. Universidade Federal do Amazonas. PPGSCA/UFAM. E-mail: jmrocha.hist@hotmail.com

Fevereiro. O local da festa é conhecido como Cabeceira do Camarão da região Andirá-Mirim, localizada próxima a atual comunidade Cristo Redentor, distante da sede do município de Barreirinha 21,3 km, as viagens duram dependendo do meio de transporte, 04 horas de barco, 03 horas de rabeta, e 40 minutos de voadeira. O referido tema foi por mim pesquisado durante o 4º período na disciplina Teoria e Prática da Investigação Histórica, como pré-requisito para a aprovação naquele período, o mesmo tema foi retomado como objeto deste TCC.

Estruturamos este texto em três seções. A primeira intitulada “MEMÓRIA, HISTÓRIA ORAL E HISTÓRIA NO ANDIRÁ-MIRIM” buscando situar teórico-metodologicamente o objeto de estudo dentro do campo da história social. A segunda, sob o título “TRAJETÓRIA E EXPERIÊNCIAS DE VIDA DE ANTÔNIO VIEIRA” promoveu-se uma reflexão acerca dos contextos históricos nos quais aconteceram as migrações nordestina para a Amazônia a partir dos incentivos, segunda metade do século XX no contexto dos grandes projetos para Amazônia, explorando a existência de Antônio Vieira no Andirá-Mirim. Descrevemos a “Festa em Comissão” à luz dos processos socioculturais existente nessa região. Finalizando temos a terceira seção, intitulada “REDES DE PROCESSOS SOCIOCULTURAIS NO ANDIRÁ-MIRIM” o caso das “Festa em Comissão”. Nessa seção promovemos o mapeamento das conexões socioculturais e religiosas existentes entre as comunidades do Andirá-Mirim, advindas das práticas socioculturais religiosas. Refletimos acerca de como que tais práticas trazem a base para uma história social da Cultura nesta região do Amazonas.

MEMÓRIA, HISTÓRIA ORAL E HISTÓRIA NO ANDIRÁ-MIRIM

Para compreendermos os meandros da história na localidade proposta, é preciso antes conhecer o seu contexto. Nesse âmbito, a tabela abaixo lista o nome de 8 (oito) comunidades e 01(um) distrito pertencentes à região Andirá-Mirim. Das 8 comunidades, 3 são nominadas por seus padroeiros, suas localizações, como se pode observar na tabela, estão em um ponto estratégico de fácil acesso pelos comunitários nos finais de semana, lembrando que esta região é formada em sua grande maioria por católicos.

Quadro 01: demonstrativos das comunidades da região Andirá-Mirim

Comunidade(C) Distrito (D)	Localização	Nº Famílias	Atividade Econômica	Práticas Socioculturais	Acesso
Cristo Redentor (C)	Igarapé Andirá- Mirim	80	Agropecuária; Extrativismo.	Festa de Santo, Pastorinha, Boi-bumbá.	Rio Andirá- Mirim
Nossa Senhora da Conceição (C)	Igarapé Andirá Mirim	04	Agropecuária.	Festa de Santo.	Rio Cabeceira Grande,
São Tomé (C)	Igarapé Andirá Mirim	08	Agropecuária.	Festa de Santo, Quadrilha.	Rio Andirá- Mirim Estrada Das colônias
Laguinho do Andirá (C)	Igarapé Andirá Mirim	40	Agropecuária.	Festa de Santo, Quadrilha, Pastorinha.	Rio Andirá- Mirim
Castanhal (C)	Igarapé Andirá Mirim	30	Agropecuária.	Festa de Santo, Pastorinha, Quadrilha.	Rio Andirá- Mirim
Canarinho (C)	Igarapé Andirá Mirim	45	Agropecuária.	Festa de Santo, Pastorinha, Quadrilha.	Rio Andirá- Mirim
Jabutituba (C)	Igarapé Andirá Mirim	40	Agropecuária.	Festa de Santo, Quadrilha.	Rio Andirá
Acurucaua (C)	Igarapé Andirá Mirim	15	Agropecuária.	Festa de Santo, Quadrilha.	Rio Andirá
Barreira do Andirá (D)	Igarapé Andirá Mirim / Paraná do Ramos	200	Agropecuária.	Festa de Santo, Quadrilha, Pastorinha, Boi-Bumbá	Rio Andirá Estrada Da Emater

Fonte: SILVA, 2018, adaptação de IBGE

Inúmeros acontecimentos ao longo dos anos implicaram na transformação cultural da região Andirá-Mirim, mediante este motivo houve necessidade de identificar alguns aspectos socioculturais e religiosos do povo Andiraense, por meio da história social, memória e relatos orais de pessoas que prestigiaram direta e indiretamente a festa dos Santo em Comissão.

Através das coletas de dados objetivou-se recuperar aspectos de fatos históricos e suas transformações ocorridas ao longo das últimas décadas, a partir do campo de pesquisa da história social da cultura no Andirá-Mirim, via manifestação sociocultural e religiosa intitulada “FESTA EM COMISSÃO”. Nessa perspectiva, “a história social mantém, entretanto, seu nexo básico de constituição, enquanto forma de abordagem que prioriza a experiência humana [...]” (CASTRO, 1997, p.89).

Primeiramente, a construção do texto está elaborada a partir da convivência com os sujeitos protagonistas das práticas socioculturais religiosas no Andirá-Mirim, através das entrevistas e seus relatos, de suas memórias e experiências de vida, tomando-os como ponto principal, bem como situando esse processo no contexto social relacionado ao catolicismo popular. Fenelon (1993, p.75) afirma que “[...] a partir de suas concepções e perspectivas (as da História Social) que os chamados 'temas malditos', ou seja, quase todos que tratam dos excluídos sociais, sejam pobres, vagabundos, prostitutas, negros, mulheres índios [...]” passam ser importante para o processo da construção historiográfica.

Fazendo um mapeamento do processo sociocultural nas localidades do Andirá-Mirim, localizamos e problematizamos fatos históricos que ao longo dos anos se tornaram imperceptíveis pela sociedade contemporânea. Vale destacar que, desde a década de 1950 “a história social é reivindicada por diversos historiadores em sentido mais restrito, como abordagem capaz de recortar um campo específico de problemas a serem formulados à disciplina histórica.” (CASTRO, 1997, p.78). Pensando nisso, por meio da abordagem direta aos sujeitos, objetivamos analisar, mapear a cultura a economia da região Andirá-Mirim, na qual analisamos durante 2 (dois) anos para o processo de construção deste artigo que está inserido no campo da história social.

Dessa maneira, ao analisar a importância histórica das festividades religiosas no Andirá-Mirim resgatamos a tradição cultural ancestral que se hibridou devido às migrações nordestinas em terras indígenas. À região supracitada pertencente ao município de Barreirinha-AM, direcionamos foco especial na antiga celebração dos “Santos em Comissão”, que eram festejadas nas localidades pertencentes à atual comunidade do “Cristo Redentor” e demais

comunidades adjacentes – Ver a tabela página (03). Em alguns casos os festeiros eram descendentes de Nordestinos, que ali configuraram laços matrimoniais com indígenas Sateré-Mawé e demais grupos sociais ao longo do século XX, o que nos remonta às palavras de Castro (1997 p.78), ao afirmar que “a história social passa a ser encarada como perspectiva de síntese, como reafirmação do princípio de que, em história, todos os níveis de abordagem estão inscritos no social e se interligam”.

O fato do social estar interligado a outras perspectivas de pesquisa, o que refere ao artigo aqui construído, direciona-se a uma sociedade que está inserida por uma perspectiva que se aglutina à cultura amazônica, formando um dos muitos hibridismos culturais que formam nossa identidade. Configurada pela sabedoria ancestral e repassada de geração a geração, em muitos momentos da história, a cultura da localidade pesquisada sofreu transformações. E para que pudesse resistir aos processos institucionais, adaptou características culturais, para que, desta maneira, permanecesse até os dias atuais.

Não somente no Andirá-Mirim se destacou a cultura do “Santo em Comissão”, mas também, em outras áreas geográficas, como distrito de Freguesia do Andirá, pertencente ao município de Barreirinha. Ali ocorre a festa de São Benedito, festejada pelos marujos, com características profanas, formada por foliões que saem em comissão fazendo esmolação para a festa. A referida festa é comemorada há muitos anos, sendo desta maneira um exemplo de resistência cultural. Apesar das proibições por parte da diocese, os devotos católicos desta região resistiram e preservaram suas peculiaridades em relação às suas manifestações religiosas. Nas palavras de Fenelon (1993, p.76) “[...] a História Social recolocou inúmeras questões no que diz respeito a uma variedade bem grande de registros documentais, facilitando investigações antes consideradas impossíveis pela inexistência de fontes[...]”

O “Santo em comissão” e suas práticas são manifestações culturais consideradas profanas, motivo este pelo fato da diocese não controlar esta prática, tanto na administração das festas, no que tange à organização, como nas maneiras de cultuar e venerar as imagens de santos, em sua maioria, particulares e de promessa. Após muitos conflitos, a festa em honra à São Benedito em Freguesia do Andirá, repassa determinada porcentagem em dinheiro para paróquia Nossa Senhora do Bom Socorro do Município de Barreirinha-AM, para que desta maneira a festa não seja estagnada. No interesse de conhecer a cultura da supracitada região, e sobre a trajetória de vida do festeiro Antônio Vieira, busquei tomar conhecimento de meu tio Benedito Pereira Vieira, ex-morador da Região Andirá-Mirim, residente atualmente no município de Parintins. A memória desse sujeito possibilitou a continuidade da referida pesquisa, afinal, ela é um:

[...] trabalho. Como atividade, ela refaz o passado segundo os imperativos do presente de quem rememora, resignificando as noções de tempo e espaço e selecionando o que vai e o que não vai ser “dito”, bem longe, naturalmente, de um cálculo apenas consciente e utilitário. Quem aceita fazer o trabalho da memória, o faz por alguma ordem de razões importantes, dentre as quais estão a busca de novos conhecimentos, a realização de encontros com outros e consigo mesmo, de forma a que os resultados sejam enriquecedores sob o ponto de vista individual e coletivo. A rememoração pode ser um difícil processo de negociação entre o individual e o social, pelo qual identidades estejam permanentemente sendo construídas e reconstruídas, garantindo-se uma certa coesão à personalidade e ao grupo, concomitantemente (GOMES,1996, p.06).

Benedito Pereira, por ser filho adotivo do festeiro Antônio Vieira, ajudou com sua rememoração, me informando sobre quem pudessem ser os sujeitos que participaram das festividades na região ou que tinham conhecimento sobre a trajetória de vida de Antônio Vieira. O primeiro sujeito indicado a ser entrevistado foi Luiz Alves de Souza, 83 anos, morador atualmente da Comunidade Lagunho do Andirá, ex-encarregado na Comissão de Nossa Senhora do Livramento. O segundo sujeito entrevistado foi Luiz Tavares dos Santos, 87 anos, ex-rezador de ladainha, morador da comunidade São Tomé, comunidade popularmente conhecida na região como Comunidade do Doce. O terceiro sujeito entrevistado foi Osvaldino de Castro Viana, 71 anos, ex-festeiro em honra Nossa Senhora de Nazaré, morador na comunidade Nossa Senhora da Conceição. O quarto sujeito foi José Domingos Belém da Silva filho primogênito de Antônio Vieira. As contribuições dele foram de extrema importância, pelo fato de ser filho de Antônio Vieira, e por ter conhecimento sobre a festa e trajetória de vida de seu pai migrante Nordeste.

Todos os entrevistados foram sujeitos que participaram de maneira direta e indireta da manifestação cultural de cunho religioso, denominada “Santo em Comissão”, no lugar conhecido como Cabeceira do Camarão, Andirá-Mirim, pertencente à atual comunidade institucionalizada pela diocese de Parintins, nominada como Cristo Redentor. Nesse sentido a memória dos entrevistados possibilitou a aquisição de conhecimento histórico, tanto sobre a manifestação religiosa quanto sobre a trajetória de vida. É a dimensão da memória

[...] que lhe dá limites e demanda reelaboração permanente, vincula-se a um fenômeno que a literatura especializada chama de “trabalho de enquadramento” da memória. Por conseguinte, o enquadramento e a guarda da memória comum se retroalimentam, estando ligados à presença de uma figura especial - porque singular no grupo e porque especializada, que se reconhece e é reconhecida como o guardião da memória. (GOMES,1996, p. 06-07).

Por meio da memória e do diálogo com filhos, netos e amigos, iniciei a referida pesquisa informando-me sobre os possíveis locais onde pudesse encontrar os sujeitos que protagonizaram a festa do “Santo em Comissão” nesta região, com foco especial sobre a vida do festeiro Antônio Vieira. Através de relatos dos filhos, parentes e amigos, foi possível reconstruir a história cultural desta região. Assim, “o guardião ou o mediador, como também é chamado, tem como função primordial ser um ‘narrador privilegiado’ da história do grupo a que pertence e sobre o qual está autorizado a falar” (GOMES, 1996, p. 06). O guardião da memória é importante, pois traz consigo as narrativas de seus antepassados.

Dessa maneira, ao entrevistarmos os sujeitos; Benedito Pereira Vieira, Luiz Alves de Souza, Luiz Tavares dos Santos, Osvaldino de Castro Viana e José Domingos Belém da Silva, obtivemos informações para construção do referido artigo. Muitas das vezes, pelo motivo de algumas pessoas já terem falecido, os sujeitos entrevistados foram guardiões da memória. O caso de Benedito Pereira Vieira e José Domingos Belém da Silva que são Guardiões da memória de seu pai, Antônio Vieira. Sobre a manutenção da memória:

A guarda de uma memória comum é fator essencial na formação e manutenção de grupos (de tamanhos e tipos variados), bem como é elemento base de sua transformação. Por isso, não pode sofrer mudanças abruptas ou arbitrárias, sob o risco de desintegrar referenciais fundadores e ameaçar a própria manutenção da identidade do grupo. Esta dimensão da memória, que lhe dá limites e demanda reelaboração permanente, vincula-se a um fenômeno que a literatura especializada chama de “trabalho de enquadramento” da memória (GOMES, 1996, p. 06-07).

Os guardiões da memória assumem papel importante em relatar tais acontecimentos, tanto sobre a festa, quanto a vinda dos nordestinos para a Amazônia. Nesse contexto histórico, percebe-se que são relatos sobre acontecimentos que repercutiram intensivamente na família e na região onde esses sujeitos viveram. Mediante os estudos na disciplina optativa, História oral, cursada em 2017, em uma turma do 7º período no Curso Licenciatura em História, motivou-me a usá-la como recuso de pesquisa, fazendo o roteiro de entrevista que foi gravando, transcrita e analisado seu conteúdo que eram os relatos e experiências de vida dos objetos desta pesquisa.

Tendo tomado conhecimento sobre os sujeitos e suas localizações, objetivou preparar o roteiro de entrevista para cada indivíduo. Luiz Tavares, Luiz Alves e Osvaldino Viana foram integrantes na Comissão da festa de Antônio Vieira. Sobre a trajetória de vida de Antônio Vieira se entrevistou José Domingos Belém da Silva e Benedito Pereira Vieira. Todos entrevistados, como fonte histórica oral foram primordiais para o processo de construção deste artigo, pois, [...] as fontes históricas orais são fontes narrativas e a análise dos materiais da história oral dever

se avaliar a partir de algumas categorias gerais desenvolvidas pela teoria(...)”, (PORTELLI, 1997, p. 29).

Acontecimentos que, com o passar do tempo, são esquecidos pela sociedade contemporânea, mas que com a reconstrução historiográfica através da utilização do método de pesquisa história oral, roteiro de entrevista, gravação e transcrição possibilitam construção de documentos acessíveis à comunidade. Esta prática não objetiva ser um subterfúgio para evitar o esquecimento, mas como maneira de instigar a rememoração da história construída por meio de fontes orais.

Através das entrevistas podemos conhecer um pouco do grupo social pesquisado e sua cultura, não somente no que diz respeito à trajetória e experiências de vida de Antônio Vieira, mas também sobre a economia, que por meio da festividade teve papel importante para região Andirá-Mirim. Nas entrevistas pode se conhecer a realidade Andiraense, pois como indica Portelli (1997, p. 31) as “entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas”.

Para que pudéssemos obter informações assertivas, foi necessário adentrar no campo de pesquisa, entrevistando pessoas na faixa-etária de 60 (sessenta) anos a 90 (noventa) anos de idade que trabalharam e prestigiaram determinadas comemorações direta e indiretamente, pois “[...]o tempo é uma vivência concreta e se apresenta como categoria central da dinâmica da História” (DELGADO, 2003, p. 09). Os sujeitos relataram lembranças do passado expressando fortes emoções, em parte, por terem vivenciado acontecimentos que na contemporaneidade já não existem ou sofreram transformação.

Para recupera aspectos da história dos acontecimentos relacionados aos rituais e às vivências entre povos indígenas e migrantes nordestinos, foi necessário lançar mão da utilização da metodologia história oral, por meio das entrevistas, as quais, segundo Portelli (1997, p. 29), “as fontes históricas orais são fontes narrativas”. Possibilitando por meio das entrevistas, um locus de conhecimento sobre o passado, pois ao tomar conhecimento de fatores históricos, se faz necessário contextualizar de maneira cuidadosa a fonte” analisando a veracidade e a experiência do sujeito entrevistado.

TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE VIDA DE ANTÔNIO VIEIRA

Memória do Nordeste

Através das informações obtidas na entrevista direcionada ao senhor José Domingos Belém da Silva, filho de Antônio Vieira e Maria Nezila Belém Maciel, migrantes Nordestinos,

conhecemos a trajetória de vida de Antônio Vieira, nas palavras de Silva (2014, p. 12) “o nordeste brasileiro durante muitos anos se mostrou e foi mostrado como um grande fornecedor de mão-de-obra para outras regiões do país, especialmente o Norte”. Antônio Vieira iniciou sua vida no interior nordestino, o nome da localidade não foi especificado, porém, afirmava que na região passava por dificuldades para sobrevivência, o que impulsionou a migração para Amazônia. De acordo com o Sr. José Domingos:

A família Vieira vivia no nordeste sem-terra própria para trabalhar, nem residência fixa para morar, objetivaram melhoria de vida em outro lugar, ainda criança ele nos contava que juntamente com seus pais viviam em terrenos alheios se sujeitando para arrecadar mantimento para suas próprias sobrevivências, apesar de trabalharem em plantios, criação de animais, porém tudo era dividido com o dono das terras onde moravam e trabalhavam.⁴

Mesmo com as dificuldades enfrentadas diariamente, faziam suas diversões, como uma maneira de resistência tanto cultural como social. Em relação ao lugar onde moravam no Nordeste, o entrevistado diz: “*Era bom, por ser sua terra natal, seu berço, porém difícil porque almejavam ter uma terra para habitar e trabalhar e não tinham*”⁵, uma realidade vivenciada por grande parte dos povos nordestinos, apesar de objetivarem uma melhoria na qualidade de vida e construírem seus próprios negócios, não podiam, pois além da vida miserável, prevalecia na região a seca e a fome, além de poucos terem terras próprias. Seus familiares sobreviviam à custa dos seus patrões, como discorre o entrevistado acima:

Dos trabalhos exercidos, ganhavam apenas seus pequenos ordenados que mantinham a própria família, eles eram pobres, como mencionado anteriormente. Em suas recordações meu pai falava que apesar de ser uma terra boa, em certos sentidos se tornava difícil porque eles não tinham possibilidade de trabalhar de maneira autônoma, ou seja, não tinham condições para adquirir uma propriedade própria para trabalhar e para viver com seus familiares, característica essa facilitada na Amazônia, especificamente nas regiões pertencente aos municípios de Parintins e Barreirinha.⁶

A vida da família Vieira do Nordeste, segundo os relatos de Sr. José Domingos, era difícil pela exaustiva jornada de trabalho e baixa remuneração. Atualmente, denominamos esta realidade de “trabalho escravo”. Tais motivos referentes às dificuldades enfrentadas no Nordeste implicaram na migração da família Vieira para Amazônia, levados pelo sonho, pelo pensamento na melhoria de vida e pelas propagandas que eram feitas sobre a região Amazônica, como o Sr. José Domingos revela: “*Nessa época ouve uma propaganda tão grande que*

⁴ José Domingos Belém da Silva 61 anos, Professor na comunidade Cristo Redentor há 42 anos, filho de Antônio Vieira. **Entrevista**. 05.02.2018. Barreirinha-AM.

⁵ Idem.

⁶ Idem.

*abordava que no Amazonas teria bons empregos, e quem viesse para cá não ia se sentir, como eu quero dizer não ia se sentir desprezado né, ia trabalhar, ia ter aonde sobreviver”.*⁷

A migração de Antônio Vieira, foi por intermédio de seus pais João Freitas e Marcienilia Vieira da Silva. Ainda criança, veio com seus pais para Amazônia, juntamente com outras famílias no transporte da época Navios a vapor, (Lloyds). Como este entrevistado destaca.

[...] ele contava que os pais dele ficaram curiosos ao saberem que vinham para Amazônia, trabalhar na extração do látex, pois nessa época houve propagandas sobre bons empregos, terra boa para cultivar, de maneira que remeteu a certos imaginários. Um deles foi de que, quem viesse para a Amazônia não ia se sentir desprezado, de imediato obteria possibilidade de trabalhar, conseguir terras para cultivar e dessa maneira sobreviver. O papai tinha na época 15 anos e ele nos contava que os pais dele ficaram muito satisfeito quando eles souberam quando vinha para Amazônia, para o Amazonas trabalhava na, trabalhava na, na borracha.⁸

Antônio Vieira juntamente com seus pais, ficaram felizes ao saber da migração para Amazônia, pois queriam melhorar de vida, mas também sentiram tristeza por deixarem sua terra natal. Silva (2014, p.12) disserta sobre as propagandas que mostravam uma determinada realidade para aqueles que objetivavam a melhoria de vida, segundo a autora, era “difundida pelos meios de comunicação, de forma que circula em todo território nacional, mas é do Nordeste que oriunda um expressivo número de sujeitos dispostos a deixar sua terra natal em busca de novos ares. O Eldorado”. Assim, de acordo com a fala do Sr. José Domingos: “*eles felizes ficaram porque queriam mudar de terra para uma melhoria de vida, mas no momento sentiam tristeza porque iam deixar o seu torrão de vida onde eles nasceram, mas eles garantindo que com certeza ia ter um bom lugar para viver eles vieram trabalhar.*”⁹ Para completa “as secas de 1877 e de 1878 deslocaram 19.910 retirantes. Em 1892 as entradas registraram uma migração de 13.559 nordestinos. No triênio 1898-1900, nos portos de Belém e Manaus” (BENCHIMOL, 2009, p.154).

Chegando na Amazônia, especificamente em Belém, a família Vieira percebeu a extensão territorial e diversidade cultural na qual se encontravam. Inicialmente passaram por dificuldades financeiras, sem dinheiro para retornar à sua terra natal, foram obrigados a se adaptar em terras amazônicas. Dessa forma, Antônio Vieira juntamente com seus pais João Freitas e Marcienilia Vieira da Silva viajaram para o município de Parintins. A experiência da forma de trabalho no Sertão do Nordeste, cultivando plantações, criação de animais, foi no

⁷ José Domingos Belém da Silva 61 anos, Professor na comunidade Cristo Redentor há 42 anos, filho de Antônio Vieira. **Entrevista**. 05.02.2018. Barreirinha-AM.

⁸ Idem

⁹ Idem

Amazonas a sua nova forma de subsistência familiar. Primeiramente trabalharam na Vila Amazônia, em seguida se deslocaram para a região do Uaicurapá e, posteriormente, para o município de Maués, onde obtiveram residência própria, posse de terras, e viveram muitos anos. Nesse período Antônio Vieira chega a fase adulta e se torna independente. Novamente regressa para o município de Barreirinha onde passa a trabalhar nas usinas de extração de pau-rosa¹⁰. Segundo as afirmações de Benchimol (2009, p. 156) “o migrante cearense e nordestino percorreu na Amazônia um longo caminho de sofrimento, sacrifício e muito trabalho para, ao final, chegar à Ascensão e classificação econômica, social e política”.

Antônio Vieira trabalhou na região pertencente ao município de Parintins e também Barreirinha. Na região de Parintins trabalhou nas usinas que existiam no Uaicurapá, já em Barreirinha trabalhou na usina que existia na Região do Andirá-Mirim. Como relata o Sr. José Domingos: “*O papai trabalhou muito em pau rosa. Na época ele trabalhava na, na Ozina Mercês que hoje ela é extinta no Andirá Mirim*”¹¹. A Amazônia, que em certos momentos da história é inserida numa:

[...] conjuntura de interesses de cunho privado e capitalista, que de forma ‘sedutora’ imprime uma postura de dominação e expropriação das riquezas naturais da região. Sem levar em consideração, é claro, os recursos humanos, estes que vão sendo ludibriados e ficando alheios nesse processo (SILVA, 2014, p. 15).

Característica essa de Antônio Vieira, que como trabalhador extrativista pôde explorar a região Andirá onde se fixou nas localidades Andirá-Mirim. Nesse ínterim, o sistema capitalista envolve os trabalhadores num mecanismo onde eles mesmos contribuem para o processo de destruição das riquezas naturais, sem ter consciência exata da dimensão daquilo que estão fazendo.

Do Nordeste ao Andirá-Mirim

Aqueles que tinham mais vocação agrícola desciam rio abaixo, para ocupar, como posseiros, terras devolutas das várzeas do Solimões, do médio e do baixo Amazonas, onde se localizavam os seus sítios e roçados, neles se fixavam definitivamente, permanecendo fies à tradição rural (BENCHIMOL, 2009, p.167).

¹⁰ Arvore nativa das Guianas e da Amazônia, de casca pardo-avermelhada, folhas alternas, coriáceas, e inflorescências paniculadas.

¹¹ José Domingos Belém da Silva 61 anos, Professor na comunidade Cristo Redentor há 42 anos, filho de Antônio Vieira. **Entrevista**. 05.02.2018. Barreirinha-AM.

Trabalhando como extrativista na região Andirá-Mirim, conheceu Maria Nezila Belém Maciel, moradora desta localidade com quem se uniu em matrimônio. Sobre a situação Silva (2014, p. 15) nos leva a uma importante reflexão; “no contexto desenvolvimentista projetos que visam integrar a região ao restante do país, com o governo brasileiro usando argumentos que possibilitem engenhos de infraestrutura, grandes investimentos vão sendo implementados e apoiados”. Pelo fato da região Andirá-Mirim se enquadrar a esta situação, o Sr. Antônio Vieira, tomou posse de terras na localidade conhecida como Cabeceira do Camarão, nesse período ainda era empregado na usina Mercês¹². Em razão disto, ele cultivava em sua propriedade somente em dias de folga sem que seus patrões tomassem conhecimento de sua atitude independente. Como diz José Domingos:

E aí ele chegou praticamente numa área desconhecida né, não havia comunidade, nem tão pouco uma cidade como hoje já existe cidades grandes desenvolvidas, na época os habitantes eram os indígenas [...] já existia algumas pessoas mais era difícil não moravam próximas uns aos outros né, aí começaram a instalar as suas residências em locais que não eram habitados por ninguém. Então a situação deles era essa e não tinha aquele contato, não foi assim um contato logo direto com aquele povo que já estivessem esperando eles, não, eles formaram aqui no, na região onde viveram, onde moraram, seu próprio povoado, seu próprio. Radicalizaram sua própria cultura, trouxeram com sig o pratica deles né, do que eles lá faziam, criando se uma nova perspectiva de vida, para uma nova mudança também.¹³

Tendo em vista que a extração do Pau Rosa exigir horas extensivas, Antônio Vieira abandonou este trabalho, passando a se fixar na localidade onde se tornou dono de terras no Andirá-Mirim. O total de terras somavam 400 hectares. Ao trabalhar de maneira autônoma influenciou outros trabalhadores a abandonarem seus trabalhos na usina e, também, a se tornarem seus trabalhadores. Nas palavras de Tavares, (2017, p. 06) sobre o processo de migração “[...] percebemos que esses nordestinos vêm direta e indiretamente influenciados por alguma questão relativo a causas econômicas e sociais e por inúmeras vezes, o Estado procurou direcionar tais processos migratórios”.

Ao construir moradia no terreno localizado na Cabeceira do Camarão, Antônio Vieira e sua esposa tornaram-se agricultores. Sua influência na região foi tanto cultural quanto social, e em suas terras eram cultivados arroz, feijão e a mandioca, o principal produto que possibilitou que ele se tornasse patrão. Segundo os relatos, naquele período a região Andirá-Mirim era apenas um lugar com uma vasta floresta e rios, característica geográfica que proporcionou o

¹² Empresa responsável pela extração de pau-rosa.

¹³ José Domingos Belém da Silva 61 anos, Professor na comunidade Cristo Redentor há 42 anos, filho de Antônio Vieira. **Entrevista**. 05.02.2018. Barreirinha-AM.

avanço da produtividade agrícola, pois o IBAMA¹⁴ não fiscalizava a região e era possível fazer grandes hectares de roçado¹⁵ para plantação agrícola. Nos anos anteriores a 1968 existia no Andirá-Mirim densa floresta natural, caças e peixes, conforme os relata José Domingos:

Tão farto em termo de alimentos que possibilitou com que o papai e demais migrantes resolvessem ficar pra sempre na região do delta do Andirá Mirim, apesar de existir poucas famílias na região. Radicalizaram sua própria cultura, trouxeram com sigo a prática de cultivo do Nordeste, tanto de sereias quanto do plantio de tubérculos, criando novas perspectiva de vida.¹⁶

Antônio Vieira não se destacou apenas na agricultura, como também no comércio. Produzia farinha e exportava para o Município de Parintins, vendia ou trocava com mercadoria para ser revendida no Andirá-Mirim, como revela este entrevistado:

Logo no princípio Barreirinha era uma pequena vila, não tinha assim como é vender um produto. E Parintins já era uma cidade um pouco mais, é populosa e lá os produtores da época faziam seus produtos para vender, e era difícil porque na época não existia um motor, existia só apenas a canoa a remo mesmo.¹⁷

. Era difícil o trajeto rumo à venda da farinha, porém devido a disponibilidade da mão de obra voluntária entre amigos e conhecidos, este transporte era possível. E ao chegarem em Parintins, levavam dias ancorados no porto desta cidade para trocarem seus produtos ou venderem, e em seguida, regressavam para o Andirá-Mirim, trazendo outras mercadorias para serem trocadas ou revendidas.

Tornando se festeiro no Andirá-Mirim

No período em que Antônio Vieira trabalhou na região Andirá-Mirim na extração de pau-rosa, ele achou na margem do rio Andirá-Mirim, nas proximidades do distrito Barreira do Andirá, uma imagem de santa, e a denominou como Nossa Senhora do Livramento. Desde então, a imagem passou a ser levada para todos os lugares onde ele fosse trabalhar. Porém, ao formar laço matrimonial com Maria Nezila Belém Maciel, Antônio Vieira entregou a imagem para sua mãe Marcienilia Vieira da Silva, que morava na região Massauari, cuja abrangência

¹⁴ Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e de Recursos Naturais Renováveis-IBAMA.

¹⁵ Ambiente manejado para plantação agrícola.

¹⁶ José Domingos Belém da Silva 61 anos, Professor na comunidade Cristo Redentor há 42 anos, filho de Antônio Vieira. **Entrevista**. 05.02.2018. Barreirinha-AM.

¹⁷ Idem.

geográfica situa-se próxima as aldeias Sateré-mawé, pertencentes ao município de Barreirinhas-AM.

Após morar, com sua esposa, em sua casa no lugar conhecido como Cabeceira do Camarão, localidade próxima à Comunidade Cristo Redentor e divisa com a Comunidade Nossa Senhora da Conceição, construiu uma casa de trabalho para fabricação da farinha d' água e comércio para suprir a necessidade de seus trabalhadores. Apesar de ser católico, ao tornar-se patrão Antônio Vieira passou a dar menos importância a crença venerada pelos católicos, “*guardar o dia de domingo*”, por exemplo. Trabalhava intensivamente 07 dias semanais, não tinha folga de seus afazeres domésticos. A grande produção de farinha d' água era fabricada com muito trabalho, como falou o filho adotivo de Antônio Vieira, “*a gente trabalhava muito com o papai em roça, não parava para nada, não parava os domingos nem sábado, o papai passou a não acreditar mais em santo*”¹⁸. O relato nos leva a refletir que o lucro financeiro conquistado através do trabalho naquele local fez com que Antônio Vieira se assemelhasse a seus ex-patrões das usinas por onde trabalhou. No relato de José Domingos Belém explica o motivo de Antônio Vieira torna-se festeiro:

Certo dia o papai estava trabalhando na lavoura em pleno domingo, e de repente ele foi surpreendido por um grande tremor na terra seguido de um barulho céu, como se fosse haver uma explosão. Ele me falou que todos os trabalhadores que estavam ao seu redor ficaram espantados, pensando que fossem morrer. Imediatamente encerraram o trabalho que estavam fazendo, foram para sua casa, ao chegarem em casa o papai reuniu toda a nossa família juntamente com seus trabalhadores e disse: a partir daquele momento não iria mais trabalhar durante os sábados e nem os domingos como sinal de respeito. Em agradecimento pelos dons e prosperidades alcançadas, se tornaria festeiro em honra à Nossa senhora do Livramento. Foi uma promessa feita perante a nossa família. Enquanto fosse vivo festejaria, doando comes e bebes para todos aqueles que almejassem participar de sua festa. Mandou buscar a imagem que tinha encontrado na margem do Rio Andirá, a mesma estava em posse de sua mãe, minha vó Marcienília.¹⁹

Essa condição de se tornar Festeiro se assemelha a grande maioria dos donos de “Festa de Santo”, devido graças alcançadas, salvamento ou objetivando prosperidade em suas plantações ou colheitas, afinal, “os santos protegem a comunidade e asseguram o bem-estar geral. Seus favores e sua proteção obtém através de promessas e orações que propiciam sua boa vontade” (GALVÃO, 1976, p.05).

A festa de Nossa Senhora do Livramento na Região Andirá-Mirim era realizada de 01 a 03 fevereiro, nas proximidades onde hoje está localizada a comunidade Cristo Redentor,

¹⁸ Benedito Pereira Vieira 68 anos, vigilante aposentado, residente domiciliado em Parintins, filho adotivo de Antônio Vieira, ex-morador da região Andirá-Mirim. **Entrevista**. 24.05.2017/ 2018. Parintins-AM.

¹⁹ José Domingos Belém da Silva 61 anos, Professor na comunidade Cristo Redentor há 42 anos, filho de Antônio Vieira. **Entrevista**. 05.02.2018. Barreirinha-AM

distante 1 km, da supracitada comunidade. Na época formavam grupos de pessoas denominados de Comissários para saírem na região com objetivo de arrecadar donativos ou esmolação para ajudar nas despesas da festa, esse ato festivo se repetia todos os anos, com os mesmos rituais, envolvendo as chamadas Comissões, fato esse que motivou chamarem na Região Andirá-Mirim “Santo em Comissão”. Festejado e venerado pelos povos amazônicos, cada festeiro venerava um santo (a), ou adotava como protetor, no caso de Antônio Vieira, sua santa e protetora era Nossa Senhora do Livramento, como diz José Domingos:

Da pequena adoração a imagem, passou a ter proporções maiores, das pequenas rezas composta por ladainha, pai nosso e uma ave Maria, ritual esse que era praticado por alguns moradores das adjacências, passou a somar cada vez mais. Quando o movimento religioso tomou proporções maiores, o povo se reuniu a comando do papai Antônio que era o dono da imagem de Nossa Senhora do Livramento, para buscar meio de suprir a necessidade durante as festas, então faziam o chamado puxirum, que era uma maneira de formar grupos de pessoas para executarem certos trabalhos braças.²⁰

Como toda festa tem seus custos financeiros, na época em que se festejavam em honra à Nossa Senhora do Livramento era difícil conseguir patrocínios, como na atualidade se consegue através do Estado ou da Iniciativa Privada. Antônio Vieira passou a ser protagonista no que tange à festa, optando por cultivar roça, plantação de mandioca para extrair seus derivados, objetivando ajudar nas despesas festivas. Galvão (1976, p. 13) destaca que “o principal produto cultivado é a mandioca, variedade chamada comumente ‘brava’, que se presta melhor para o fabrico da farinha-d’água, o alimento básico”. Antônio Vieira utiliza o *puxirum*²¹ como maneira de alcançar esse objetivo, desde o manejo da mata para se fazer roçado e o plantio de maniva (mandioca), arroz, cara, dentre outras espécies de cereais e tubérculos a serem cultivados. A característica administrativa do trabalho era bem organizada, os homens trabalhavam no manejo do roçado, e na colheita transportando a mandioca. O papel das mulheres era de suma importância, trabalhavam tanto na plantação quanto na preparação da mandioca para fazição da farinha d’água. Três meses era tirado para trabalhar em prol da festa, como fala Benedito Pereira Vieira:

Foi criado datas definidas para que pudessem trabalhar especificamente em prol da festividade, sem que pudesse causar transtorno na véspera, o mês de outubro à final de janeiro, tudo era com a mesma finalidade, se fazia farinha de tapioca, biscoito, dentre outros alimentos, limpavam o porto por onde as embarcações iam ancorar, o

²⁰ José Domingos Belém da Silva 61 anos, professor na comunidade Cristo Redentor há 42 anos, filho de Antônio Vieira. **Entrevista**. 05.02.2018. Barreirinha-AM.

²¹ Forma como os trabalhadores se organizavam para resolver coletivamente uma atividade domestica ou agrícola.

barracão ia ser renovado tanto a cobertura como o piso, a casa ia ser pintada ou reformada, dentre outras coisas que era feita de maneira organizada.²²

Formava-se grupo de trabalho e cada grupo era responsável por uma tarefa diferenciada. Conforme este entrevistado: “O ‘*puxirum*²³’ mais parecia festa do que trabalho, por tão grande animação da parte dos trabalhadores”²⁴. Em relação à festa de Nossa Senhora do Livramento, sempre bem ajudada e com muita participação, devido as pessoas cultivarem respeito e a aliança aos santos católicos.

Galvão (1976, p. 29) explica que “a devoção individual ou da comunidade se faz sentir sobre os santos, ou mais explicitamente sobre as imagens desses santos”. As pessoas que participavam direta e indiretamente da festa de Nossa senhora do Livramento eram devotas, promesseiros. Se doavam para participar das comissões grupos de pessoas que saíam com objetivo de arrecadar mantimentos (donativos) para a festa, em suas idas lançavam convite para as pessoas participarem da festa.

A embarcação na qual a comissão se deslocava, denominava “*igarité*” meio de transporte grande movido à remo, “o único meio de transporte é a canoa a remo” (GALVÃO 1976, p.26). Em relação ao transporte da comissão de Nossa Senhora do Livramento, de acordo com o Sr. Benedito Pereira, “era conhecida como “*Grafira*”, ela aguentava todos os comissários da comissão”²⁵. A embarcação era guiada especificamente por dois sujeitos denominados de pilotos, essas duas pessoas conduziam o percurso durante a trajetória da comissão. Em sua chegada nas residências, a comissão fazia o ritual acompanhado dos instrumentos: *gambá*²⁶, *caracaxá*²⁷ e *reco-reco*²⁸ todos acompanhado pelo coro dos Comissários e por parte dos moradores da casa onde faziam suas visitas. Galvão (1976, p. 41) ressalta que os instrumentos “[...] são guardados com especial carinho e respeito. Crianças e indivíduos inexperientes não podem manejá-los. Os foliões, como os empregados, não recebem qualquer pagamento, porém durante a viagem alimentos e bebidas lhes são fornecidos”. A imagem da santa era tratada de maneira respeitosa, quando a comissão chegasse no porto do devoto, esses

²² Benedito Pereira Vieira 68 anos, vigilante aposentado, residente domiciliado em Parintins, filho adotivo de Antônio Vieira, ex-morador da região Andirá-Mirim. **Entrevista**. 24.05.2017/ 2018. Parintins-AM.

²³ Forma como os trabalhadores se organizavam para resolver coletivamente uma atividade domestica ou agrícola.

²⁴ Benedito Pereira Vieira 68 anos, vigilante aposentado, residente domiciliado em Parintins, filho adotivo de Antônio Vieira, ex-morador da região Andirá-Mirim. **Entrevista**. 24.05.2017/ 2018. Parintins-AM.

²⁵ Idem.

²⁶ Instrumento feito de tronco de arvore e couro de animal silvestre, em forma cilíndrica.

²⁷ Instrumento feito de bambu, dentro do instrumento se colocava pedregulhos para dar o efeito do som.

²⁸ Instrumento de percussão feito de um gomo de bambu seco com entalhes transversais, sobre os quais se esfrega uma vareta, produzindo som rítmico para acompanhamento em música.

sujeitos deixavam suas tarefas domésticas e iam homenagear Nossa Senhora do Livramento, como fala o Sr. Benedito Pereira:

As comunidades percorridas pela comissão, era Freguesia do Andirá, Lago Grande, na vorta passavo pela Barreira do Andirá, outras comunidades não, não existia, é pelo motivo de não existir no período, eram lugares com alguns moradores. Quando era, chegavu dia 1^a de fevereiro cum a imagem de Nossa Senhora do Livramento, ao chegarem erum recebido com festejo, cantiga acompanhado de gambá, tamburinho. Depois suspendia o mastro, matava porco, boi e tudo.²⁹

Nas idas e vindas da comissão à casa do festeiro não pode haver desrespeito entre os comissários, caso acontecesse transgressões, o comissário era submetido à castigo “a forma mais simples de castigo é a advertência em público, através da quadra de punição, versos cantados pelo mestre e coro que aludem à falta e ridicularizam o indivíduo, que é obrigado manter-se ajoelhado sob a bandeira da folia” (GALVÃO 1976, p.42).

Após a chegada da Comissão de Nossa Senhora do Livramento na casa de Antônio Vieira, ornamentavam e levantavam o mastro, como fala o Sr. Benedito Pereira: “*E se fazia o mastro, bem na frente da casa grande fazia o mastro, no lado era o barracão grande, o barracão tinha um parapeito de palha, naquele tempo era palha, e era palha de inajá*”³⁰, no mastro era colocado carne, bombons, banana, farinha, beiju-d’água, beiju-pé-de moleque, macaxeira, abacaxi e próximo ao topo do mastro, onde havia uma bandeira com o lema: paz e amor, era colocado dinheiro e bebidas alcoólicas, como a cachaça, com intenção de fazer alguém tocar na bandeira, pois aquele que tocasse, seria o Juiz do próximo ano festivo. No último e terceiro dia, pela parte da manhã, o mastro era derrubado, sobre responsabilidade do Juiz da festa, sujeito esse que tinha a responsabilidade de chamar o nome dos mordomos para a derrubada do mastro, após a derrubada eram doados comes e bebes aos presentes.

A festa de Antônio Vieira e sua esposa Maria Nezila, reunia devotos de várias comunidades, tanto do Paraná do Ramos, rio Andirá quanto da região do Uaicurapá. Para gerar lucros ao dono da festa, era colocada vendas, conhecidas como “botecos” como diz o Sr. Benedito Pereira: “*arrumava pessoas de confiança como ajudante, não como funcionário, antes não se pagava em dinheiro*”³¹. As pessoas que trabalhavam nesse local geralmente tinham algum grau de parentesco, aí incluíam primos, sobrinhos, cunhados, entre outros. E entre os produtos vendidos estavam: cigarro, bombons e cachaça, tudo revertido como lucro para Antônio Vieira, que não permitia colocar vendas particulares. As pessoas que ajudavam nas

²⁹ Benedito Pereira Vieira 68 anos, vigilante aposentado, residente domiciliado em Parintins, filho adotivo de Antônio Vieira, ex-morador da região Andirá-Mirim. **Entrevista**. 24.05.2017/ 2018. Parintins-AM.

³⁰ Idem.

³¹ Idem.

vendas, apenas recebiam gratificação como carteira de cigarro, em certos momentos bebida alcoólica (cachaça), mas o intuito maior dos envolvidos era ajudar a festa e o dono da festa.

A programação noturna iniciava com a tiração de ladainha em latim, em seguida servia-se o jantar, como diz Benedito Pereira: “[...] *faziam oração, reza, rezavam todo ritual que eles tinham o ritual, depois disso faziam a cobertura do santo, do santo o pessoal iam dançar*”³². Os instrumentos utilizados eram: violino, banjo, gambá, tamburinho e saxofone. Os músicos mais conhecidos da época eram Sebastião Henrique Valente e Ideocléssio Belém, morador desta localidade, e da região do Rio Uaicurapá, Mercindo Cavaco. Durante a noite, a programação da festa dançante era dividida em dois momentos, o primeiro iniciava com o som do violino, cavaquinho e gambá, no segundo momento, a partir das 23 horas, entrava o saxofone para fazer o fechamento da festa até às 8 horas da manhã.

Tudo o que sobrasse das arrecadações no encerramento da festa, era doado para as pessoas ali presentes. Essa festividade comemorada por Antônio Vieira prevaleceu durante todo período de sua vida. Desapareceu na região Andirá-Mirim por diversos motivos, porém, o maior deles foi a institucionalização das comunidades, quando os padres passaram a proibir os Festejos de Santos, bem como as saídas em comissão.

REDES DE PROCESSOS SOCIOCULTURAIS NO ANDIRA-MIRIM: o caso das festas em comissão

A devoção aos santos

A região de Andirá-Mirim, ocupada originalmente por povos indígenas Sateré-Mawé e migrantes vindos de várias regiões do Brasil, como os Nordestinos, formando uma miscigenação, hibridando suas culturas com os povos Sateré-Mawé. Há tempos atrás grande parte das casas amazônicas tinham imagens de santo, e isto ainda existe:

[...] a devoção do santo, que se expressa de maneira mais enfática no momento da festa, não pode limitar-se aos atos rituais “sagrados”: missas, novenas, orações contritas, sacramentos. O “sagrado” e o “profano”, se bem que separados na mentalidade popular, não estão em oposição, durante a festa religiosa, mas são complementares, embora entre eles possa haver uma hierarquia que valorize o primeiro (MAUÉS, 2011, p. 08).

É cena comum encontrar no interior da residência dos moradores da Amazônia lugares denominados de “oratórios”, feitos segundo uma estrutura de igreja, porém com tamanho

³² Benedito Pereira Vieira 68 anos, vigilante aposentado, residente domiciliado em Parintins, filho adotivo de Antônio Vieira, ex-morador da região Andirá-Mirim. **Entrevista**. 24.05.2017/ 2018. Parintins-AM.

reduzido, formando um lugar específico para guardar imagens de santos. Segundo Galvão (1976, p. 03) o povo “[...]como da Amazônia em geral, é católico não obstante, sua concepção do universo está impregnada de ideias e crenças que derivam do ancestral ameríndio”. Suas crenças eram híbridas, pois acreditavam tanto no profano quanto no sagrado, característica do catolicismo popular, isso fazia dessas pessoas veneradores de imagens de santos, que por graças recebidas, passavam a tornar-se festeiros dos conhecidos “Santos em Comissão”. No Andirá-Mirim Antônio Vieira festejava em honra à Nossa Senhora do Livramento nos dias 01, 02 e 03 de fevereiro, devido a hibridação cultural que trouxe e de sua iniciativa frente a festividade, tornou-se protagonista desta manifestação religiosa, apesar de ter outros festeiros na região, como destaca Benedito Pereira:

[...] no mesmo trecho lá, festa da dona Florinda ai era tal dia, 12 de, de, de junho, Santo Antônio, Localidade conhecida como Cabeceira grande, próximo da atual comunidade Nossa Senhora da Conceição. Fazia o Manoer Paz no Castanhal, São Miguel dia 28 de setembro. E fazia no Jabutituba o seu Januário Nossa Senhora das Graças dia 10 de Junho. E são Benedito também da Freguesia do Andirá.³³

O “Santo em Comissão” era uma prática socioreligiosa que ganhou destaque anterior ao surgimento das comunidades institucionalizadas no Andirá. Até então um exemplo existente que ainda resiste “sobre comissão”, é a festa dos marujos na Freguesia do Andirá, festejada todos os anos no mês de dezembro, mesmo com a proibição por parte da paróquia, a festa prevalece atualmente, e “o culto e os festivais organizados em honra desses santos são organizados pela freguesia na maior parte das vezes, o dia de festa não coincide com o calendário oficial da igreja católica, ou o mesmo santo” (GALVÃO, 1976, p. 03).

A resistência mediante as proibições feitas pela diocese não estagnou a relação com o sagrado, o modo de crer da população Andiraense, veneradores de imagens e também, da festa de “Santo em Comissão”. Esta maneira de dominação da Igreja e dos padres não surtiu o exato efeito desejado, pois não fiscalizavam os interiores intensivamente. Então, as culturas festivas de santos particulares continuaram nos interiores, nas cabeceiras dos rios, em lugares escondidos, fato este que o Sr. Luiz Alvez faz uma alegoria “*o padre peneira mas não joga né*”³⁴. Apesar das proibições por parte da diocese, a cultura festeira prevalece durante gerações, como relata o Sr. Luiz Tavares:

³³ Benedito Pereira Vieira 68 anos, vigilante aposentado, residente domiciliado em Parintins, filho adotivo de Antônio Vieira, ex-morador da região Andirá-Mirim. **Entrevista**. 24.05.2017/ 2018. Parintins-AM.

³⁴ Luiz Alves de Souza, 84 anos, agricultor, morador domiciliado na comunidade laguinho do Andirá, encarregado da festa de nossa senhora do Livramento Andirá-Mirim. **Entrevista**. 26.05.2017. Parintins-AM

[...] aqui no Andirá quase todas as famílias sabia, e ai só que eu também quando começu eu não sabia não, tinha, mais tinha uns velhos antigos que sábio [...] A vontade que a gente tem, que chamam de noção né. Tinha noção pra isso e ai foi aprendendo por ali de vagar devagar, foi o que aconteceu. Eu sei rufar tamborino [...] é! Eu sei cantar folia dos antigos [...], eu sei a ladainha também [...] eu sei tudo, é uma coisa importante [...]³⁵

Compromisso que era repassado de pai para filho como símbolo de respeito e devoção a um santo específico. Sobre isso, afirma o Sr. Osvaldino Viana, (71 anos) ex-festeiro em honra Nossa Senhora de Nazaré na localidade pertencente atualmente a comunidade Nossa Senhora da Conceição, Rio Andirá-Mirim, que tomou como responsabilidade dar continuidade no festejo pelo fato da promessa ter sido feita pelo seu pai:

Foi assim como tava explicando, foi dividido a, o, um ataque de uma fera paresque que começou né, foi uma fera aquilo né, não viu, não soube o que foi. Não viu uma cobra, não viu outro tipo, foi aquilo pegar no casco dele, e puxou o casco dele, puxou, puxou, puxou, puxou... que parou, e ai quando empurrou espumou o rejujo, e ele foi parar lá no meio da Canarana, uma coisa muito invocada, muito invocada³⁶.

A devoção aos santos no Andirá-Mirim era um ato fervoroso no princípio, cada morador Andiraense tinha um santo específico para venerar. Benedito Pereira Vieira relata sobre a festa realizada pelo seu pai Antônio Vieira:

É porque lá Nossa Senhora do Livramento que era padroeira, a protetora dele, que era o festejo grande. Quando era 1 de janeiro ela saia pra comissão, tinha os que iam fazer a comissão, era os 'ermãos' Belém. Que eram, tinha o finado Raimundo Belém que agora todos pra bem dizer já 'murreru' eles eram o encarregado, tinha seu Luiz Tavares com o irmão dele também, eles eram os chefe que gostavam da. Então tinha uma canoa grande, no tempo tinha essa 'canua' que era Grafira, aguentava, ai eles 'comessavu', iam pra banda de cima até freguesia, rodavam pelo lago grande, baixavam, vinham da barreira do Andirá pra subir novamente pra chegar pra lá. Conclusão, 'chegavu' pra lá já, em fevereiro, quando era dia 1 de fevereiro 4 horas da tarde eles chegavam com a santa lá em casa, ai já ia na chegada era o festejo, ai ia suspender mastros, aí se matava porco, se matava gado, boi, que o pessoal 'doavu' boi de coração mesmo 'doavu'.³⁷

Por meio do exemplo citado acima, depreende-se que o motivo da devoção do santo (a), tomando como obrigação festejar e doar comes e bebes aos convidados e participantes que eram frequentadores assíduos destes festejos. Essa devoção acontecia de maneira recíproca, o modo

³⁵ Luiz Tavares dos Santos, 87 anos, agricultor, morador na comunidade São Tomé, Andirá-Mirim. Ex-rezador de Ladainha nas festas em comissão. **Entrevista** 04.07.2017. Barreirinha-AM

³⁶ Osvaldino de Castro Viana, 71 anos, agricultor, ex-festeiro em honra Nossa Senhora de Nazaré, local pertencente a comunidade atual nossa senhora da conceição, Andirá-Mirim. **Entrevista**. 08.07.2017. Barreirinha-AM.

³⁷ Benedito Pereira Vieira 68 anos, vigilante aposentado, residente domiciliado em Parintins, filho adotivo de Antônio Vieira, ex-morador da região Andirá-Mirim. **Entrevista**. 24.05.2017/ 2018. Parintins-AM.

de crer das pessoas, tanto da família quanto da comunidade não institucionalizada na qual viviam. Sobre a questão devocional aos Santos,

Os bichos ‘visagentos’ não recebem qualquer culto ou devoção. A atitude do caboclo é de evitá-lo tanto quanto possível ou de recorrer a técnica de imunização ou de neutralização de seus poderes malignos. Os santos, ao contrário, recebem culto e deles o caboclo se aproxima através de orações, de promessas e de atos festivos. Acredita-se que protejam a comunidade e o indivíduo. (GALVÃO, 1976, p. 04)

Fato que fazia com que muitos sujeitos se tornassem mordomos ativos de santos, pois mordomo era como se denominava uma pessoa que ajudava na festa, tanto na construção de barracões, como financeiramente. Em cada ponto geográfico onde se festejava “santo em comissão” as características eram as mesmas. Tomada como exemplo a festa de Nossa Senhora do Livramento. Organizado pelo Sr. Antônio Vieira, como destaca o Sr. Luiz Alves:

Essa festa era, aquela, tinha como a padroeira da festa dela a Nossa Senhora da, Nossa Senhora é, Livramento. Aí ela arranjava as pessoas, o grupo pra sair, andar com o Santo em comissão, era umas, 8 ou 10 pessoas numa canoa grande, aí a gente butava caixa Gamba, chamava pra bater, aí era uma alegria. [...] tinha aquelas bandeiras de pano, branco era vermelha, branco e vermelho se usava, e aí saía na comissão do santo. Tinha o, o, o que era responsável pela viagem chamava se MESTRE SALA ou encarregado.

Encarregado, É! [...] que saía, e tinha os, os foliões, tinha o caxero que era de bater aquele tamburinho, o caxero e tinha o que segurava aquele pau de bandeira que era a primeira, que fazia a primeira voz, segunda voz e terceira voz.³⁸

Na região todos os sujeitos respeitavam imagens de santo, em suas casas tinham a cultura de fazer, dependendo da condição financeira, oratórios para cultuá-los como símbolo de veneração, e esses lugares eram ornamentados com flores e velas, sendo que as imagens variavam de tamanho. É importante salientar que “a maioria das crenças não católicas do caboclo amazônico deriva do ancestral ameríndio. Foram, entretanto, modificadas e influenciadas no processo de amalgamação com outras de origem ibérica e mesmo africana” (GALVÃO, 1976, p. 04).

Na própria região havia sujeitos que esculpiam em madeira santos por encomenda. Os santos eram de madeira e geralmente mal esculpidos, no entanto, servia para as pessoas terem em suas casas um santo que para elas significava proteção divina, pois para tais pessoas “os santos protegem a comunidade e asseguram o bem-estar geral. Seus favores e sua proteção obtém através de promessas e orações que propiciam sua boa vontade” (GALVÃO, 1976, p. 05) fazendo com que as pessoas se auto denominem “adoradores de santo”, em busca de proteção. Maués (2011, p. 10) ressalta que os santos chegam a ser frequentemente tratados

³⁸ Luiz Alves de Souza, 84 anos, agricultor, morador domiciliado na comunidade Laguinho do Andirá, ex-encarregado da festa de Nossa Senhora do Livramento Andirá-Mirim. **Entrevista**. 26.05.2017.Parintins-AM.

“como uma pessoa viva. Uma mulher, proprietária de pequena casa de comércio em Vigia, conta que sua mãe possui uma imagem de São Benedito e, quando o santo está zangado, ela o põe de lado no oratório”. Uma característica particular de tratamento por cada dono de santo, remete a uma ideia de poder sobre a imagem.

Os santos em Comissão

Para formar o grupo de comissários que deveriam sair na região “Andirá-Mirim” em busca de donativos para festa, se contava principalmente com a participação espontânea dos sujeitos, que serviriam de comissários, sem ganhar contribuições financeiras, então o festeiro (a) escolhia entre os sujeitos que se disponibilizavam, quem deveria ocupar suas devidas funções na comissão. Já formada a comissão, utilizavam a embarcação da canoa movida à remo, instrumento da época constituindo as idas e vindas na região do “Andirá-Mirim” rumo à casa do festeiro, como destaca o Sr. Benedito Pereira:

Essas festas era de santos, faziam festa de santo, os santos saia nas comissões, nesse tempo aí tinha festa. Ai chegava a festa lá no mesmo trecho lá, festa da dona Florinda ai era tal dia, 12 de outubro, de, de junho. Ai quando era naquele dia nós ia embora pra lá, todos se divertia lá, quando era três hora da manhã. – vombora! Todo mundo pra casa, não ficava ninguém, e assim mais os outros, tinha festa no Castanhal do Andirá, é do são Miguel dia 28 de setembro também era a mesma coisa, a mesma coisa eles faziam. Tinha no seu Raimundo Viana 8 de setembro Nossa Senhora de Nazaré também nós fomos pra lá mas era assim. Se visse Pedro, Irineu e mais os outros era porque tava seu Antônio Vieira e dona Nezila lá³⁹.

Sobre as festas e a formação da irmandade, vale lembrar alguns aspectos, como a interligação entre sagrado e profano, como diz Galvão (1976, p. 29):

Festas de santos, é irmandade religiosa. Nas festas como na organização das irmandades, elementos sagrados e profanos se misturam. Deus e Cristo recebem culto e reverência, porém são considerados demasiado remotas. A devoção individual ou da comunidade se faz sentir sobre os santos, ou mais explicitamente sobre as imagens desses santos. Como símbolo de culto religioso essas imagens ou simples cromos, têm lugar de maior preeminência que a cruz. alguns desses santos, representados pelas imagens locais, são considerados patronos ou advogados de profissões. Assim são S. Tomé é advogado dos roceiros, S. Benedito, dos seringueiros.

O respeito era uma característica familiar, pois muitos tinham vínculos de parentesco, ainda que não fossem parentes de sangue. As pessoas tinham consideração umas pelas outras, chamavam tio, tia ou primo, fato que fazia com que facilitasse o controle social, através do

³⁹ Benedito Pereira Vieira 68 anos, vigilante aposentado, residente domiciliado em Parintins, filho adotivo de Antônio Vieira, ex-morador da região Andirá-Mirim. **Entrevista**. 24.05.2017/ 2018. Parintins-AM.

pedido de colaboração das pessoas e a ajuda gratuita. Após o festeiro formar a comissão com oito (8) ou mais componentes: cada um tinha sua função e obrigação na comissão, porém todos eram guiados pelo Popeiro, sujeito que conduzia o trajeto da canoa onde se faziam esmolações, levando a imagem do santo (a) nas casas. Esse sujeito tinha responsabilidade e dever de manter organizados os componentes a bordo da embarcação. Caso alguém não seguisse a regra do grupo da comissão. Como explica Galvão (1976, p. 42): “O folião tem que ser disciplinado. Pode beber cachaça, mas se embriagado ou inconveniente é punido. Os que deixam de atender ao chamado do mestre, ou que faltam com respeito ao santo, abandonando a folia para procurar mulher, são castigados”.

Outro elemento dos “santos em comissão” denominava-se de “Encarregado”. Este personagem tinha a responsabilidade somente de carregar e tomar conta da imagem do santo (a) durante o trajeto da comissão pelos rios da região do Andirá-Mirim, pois a imagem não poderia pegar chuva e nem sol. Além de coordenar os grupos de comissários, sua função também era de proteger a imagem do santo (a). O mesmo mantinha a responsabilidade de tomar decisões sobre os comissários, caso houvesse alguma desorganização pelos componentes dentro da embarcação. Nada poderia se fazer, sem pedir permissão do “Encarregado”.

Outro componente da comissão era o “caixeiro”. Conhecido popularmente como “mantenedor”, designado na utilização de instrumentos de percussão como a “caixinha”, instrumento feito de madeira e couro de animais silvestres. Em meio a esse grupo de comissários, havia um responsável pelos donativos, denominado “Mestre Piloto”. Sua responsabilidade era carregar os donativos que a comissão recebia durante a viagem, na maioria das vezes eram animais, frutas, verduras, derivados da mandioca, farinha, beiju pé-de-moleque e biscoito. Outro componente eram os “foliões” somavam seis (06) pessoas, três (03) cantavam durante a viagem, tanto nas casas quanto durante o trajeto nos rios, e três (03) seguravam os mastros com as bandeiras durante a subida até residência do devoto.

Em sua maioria, todos eram responsáveis “nas tiragens” de ladainhas que eram rezadas em latim e serviam de apoio na viagem, além de remar e conduzir a locomoção via fluvial, como explica o entrevistado a seguir:

É! É!, tem o primeiro, o 1ª o, cacheiro, dá se o nome de mantenedor, 2ª da, da, da comissão, o 3ª da segunda voz. o 4ª é o piloto. A função do piloto, ele tem uma possibilidade, um direito e uma possibilidade de mandar na canoa, [...] o que pertence, o que vir da..., da. O que vir da, da, da, pessua, que pega, que leva, que carrega a imagem, que dá se o nome de, de, de... [...] sim que pega a [...] Tem o cacheiro. É! o encarregado! O encarregado da imagem, ela, ela, ela promove, ele tudo, ele tudo. Ela, é um governo que ela tem uma autorização de Governar, é... essa, essa comissão.

Ela tem um direito, o direito dela, ela governar essa comissão. Nada, nada pode fazer se não foi combinado com ela, ou com ele. Entendeu! Depois de passar da mão dela, vai pra canoa, é o piloto lá quem manda, pra tira de lá já tem que falar com o piloto. Com o piloto, ele é um dos vesp... muito recebe muita responsabilidade. Agente pensa que é uma coisa simples, quem não conhece não sabe, não sabe mesmo. Mas quem sabe é uma coisa muito certa.

De lá é isso que se tem. Entendeu! Não tem mais outra coisa. Tem é o caixeiro. O caixeiro é o que bate a caixinha. [...] é o que bate a caixinha, ele é o mantenedor da caixinha, e é o responsável da comissão que é da reza, que chega na casa das pessoas pra fazer as vistorias.⁴⁰

Quando era 1 de janeiro ela saia pra comissão, tinha os que iam fazer a comissão, era os ermãos Belém. Que eram, tinha o finado Raimundo Belém que agora todos pra bem dizer já morreram eles eram o encarregado, tinha seu Luiz Tavares com o irmão dele também, eles eram os chefe que gostavam da comissão.⁴¹

Todo o grupo saía em um período que variava dependendo do trajeto a ser percorrido, entre 20 dias a um mês, com objetivo de arrecadar donativos (mantimentos) para a festa. Os comissários iniciavam seus trajetos no Andirá-Mirim, que no período anterior aos anos de 1968, possuía pequenos núcleos não institucionalizados como comunidades. Em seguida passavam em Freguesia do Andirá, especificamente no distrito, após fazerem visitas nas casas levando o santo (a), concluía se despedindo e continuavam a viagem rumo a Barreira do Andirá e demais comunidades não institucionalizadas, pertencentes ao Andirá-Mirim. Posteriormente regressavam à casa do festeiro, passando por algumas casas nas adjacências, como relata o Sr. Benedito Pereira:

Por exemplo, é quando eles tinham uma boa [...] uma boa oferta que davam né, eles não pidiam, mais o povo tinha, eles tinham culturas de doar, ai se mandava avisar que tinha um ‘bucado’ de coisas pra ir, ai a gente ia buscar onde tivesse, onde eles tivesse fazendo o, o ritual, fazendo aquilo.⁴²

Então tinha uma canoa grande, no tempo tinha essa ‘canua’ que era Grafira, aguentava, ai eles ‘começavu’, iam pra banda de cima até freguesia, rodavam pelo lago grande, baixavam, vinham da barreira do Andirá pra subir novamente pra chegar pra lá. Conclusão, ‘chegavu’ pra lá já, em fevereiro, quando era dia 1 de fevereiro 4 horas da tarde eles chegavam com a santa lá em casa, ai já ia na chegada era o festejo, ai ia suspender mastros, ai se matava porco, se matava gado boi, que o pessoal ‘doavu’ boi de coração mesmo ‘doavu’.⁴³

⁴⁰ Osvaldino de Castro Viana, 71 anos, agricultor, ex-festeiro em honra Nossa Senhora de Nazaré, local pertencente a comunidade atual nossa senhora da conceição, Andirá-Mirim. **Entrevista**. 08.07.2017. Barreirinha-AM.

⁴¹ Benedito Pereira Vieira 68 anos, vigilante aposentado, residente domiciliado em Parintins, filho adotivo de Antônio Vieira, ex-morador da região Andirá-Mirim. **Entrevista**. 24.05.2017/ 2018. Parintins-AM.

⁴² Luiz Alves de Souza 84 anos, agricultor, morador residente domiciliado na comunidade Lagunho do Andirá, ex-comissário, encarregado de santo. **Entrevista**. 26.05.2017. Parintins-AM.

⁴³ Benedito Pereira Vieira 68 anos, vigilante aposentado, residente domiciliado em Parintins, filho adotivo de Antônio Vieira, ex-morador da região Andirá-Mirim. **Entrevista**. 24.05.2017/ 2018. Parintins-AM.

O meio de transporte dos comissários era a canoa, conhecida popularmente como *igarite*⁴⁴ sempre ornamentada de flores, fitas coloridas e bandeiras que no total somavam cinco, todas com cores diferentes. Nessa caracterização simbólica, a comissão se deslocava para cumprir seu objetivo, a arrecadação de donativos. Quando a comissão chegava em uma residência, não importava o que as pessoas estivessem fazendo, se deixava todos os afazeres domésticos, para prestigiar e adorar o santo (a). Na recepção à imagem do santo (a) os devotos acendiam velas e ornamentavam apressadamente o ambiente com flores onde a imagem deveria ficar. As mulheres da residência se reuniam em procissão para recepcionarem os comissários juntamente com a imagem. Segundo o Sr. Luiz Tavares, ex-comissário, cuja função era o de encarregado no grupo, diz que na presença da procissão formada no porto da casa, os comissários cantavam o louvor de chegada, como o que segue: “ ‘*Já chegou em vossa casa, o ramo de salvação*’...*Ai pega a segunda ‘Já chegou o... em vossa casa, o ramo... de salvação...*’ . *A vinda vossa visita e alegrando os coração, fazendo a vossa visita de alegrar os coração...*”⁴⁵. Todos subiam cantando no batuque do gambá, rumo a casa, onde se encontrava o oratório, espaço de comunicação introspectiva das pessoas para com os santos. Como destaca Galvão (1976, p. 30):

A comunicação ou aproximação com o santo para dele se obter auxílio se faz sobretudo através das ladainhas e novenas, independente de tratar-se de orações na igreja ou capela, ou nos pequenos oratórios domésticos. Praticamente, todas as casas possuem um pequeno altar, onde a falta de imagens, são exibidos cromos e figuras de santo recortadas de livros ou almanaques.

Após chegar na casa do devoto, rezavam em latim e cantavam. Posteriormente, o dono da casa entregava seus donativos ao encarregado que, em seguida, descarregava na canoa os objetos recebidos. Após rezarem e fazerem o ritual de agradecimento, o entrevistado Luiz Alves relata que:

Na saída eles pediam licença da, dono da casa [...] que eles já iam viajar, então eles agradeciam muito o agasalho lá agradeciam muito e saía. Ai o dono da casa, a dona por exemplo da casa ordinariamente, era as mulheres que levavam o santo lá na canoa. Botava o santo aqui, o guarda sol segurando daqui, ai ia levar lá na ‘bera’ da canoa, lá o encarregado pegava. Quer dizer era ele que levava o santo aqui no colo assim, e a sombrinha ou guarda sol, pra esconder do sol⁴⁶

⁴⁴ Meio de transporte fluvial (Canoa).

⁴⁵ Luiz Tavares dos Santos 87 anos, agricultor, morador na comunidade São Tomé, Andirá-Mirim. Ex-comissário, rezador de ladainha. **Entrevista** 04.07.2017. Barreirinha-AM.

⁴⁶ Luiz Alves de Souza 84 anos, agricultor, morador residente na comunidade Laguinho do Andirá, ex-comissário, encarregado de santo. **Entrevista**. 26.05.2017. Parintins-AM.

Na saída cantavam novamente louvores de despedida em agradecimento, como a que segue, conforme o Sr. Luiz Tavares: “*Cantamos a despedidas, Chega com muita alegria... Cantamos a despedida. Chega com muita alegria... Jesus Cristo Rei da gloria... Filho da virgem Maria...*”⁴⁷. Todo o ritual de despedida era acompanhado pelas pessoas do lugar na qual o santo (a) se encontrava, esse ato acontecia como sinal de agradecimento pelas graças recebidas durante o ano, tanto para a colheita como para saúde física. Dessa maneira, a imagem esculpida era tratada como uma pessoa de verdade, viva e de “carne e osso” a qual não podia ficar exposta à chuva e ao sol.

Outra característica que fazia parte, como ritual nas idas e vindas da comissão juntamente com a imagem pela região eram as ladainhas rezadas. Havia diversas maneiras de tiragem da ladainha, tanto no latim cantado, como somente no latim sem acompanhamento em ritmo de coro. As mesmas eram rezadas por homens e em determinados momentos acompanhadas por mulheres, como o que aconteceu nesta festa pesquisada e apresentada neste trabalho. Um fato interessante, era que, apesar do dono da festa ser o Sr. Antônio Vieira, quem administrava a festa do Santo em Comissão era Maria Nezila. Esse fato chamou atenção pelo fato do patriarcado estar extremamente presente na época, de modo que, apesar de as mulheres estarem ali, não costumavam se destacar neste contexto.

Muitas eram as características e símbolos culturais que representavam a ida da comissão às casas, segundo o entrevistado Benedito Pereira Vieira.

Ah, quando chegavam numa residência eles, chegavam lá, já chegavam sempre cantando né, chegavam lá na residência, aí o que levava o tamburinho ia batendo [...] aí ele já ia cantando a chegada né, chegava eles, chegava o comissário levava o santo aqui, agasalhado assim. Aí vinha a pessoa de lá da casa estava esperando né, chegava também já com a toalha na mão aqui, botava como se carregava uma criança aqui no colo, aí o santo passava pra ele, e a mesa já tava arrumada entrava na casa, lá eles iam fazer a chegada deles, cantar de tudo jeito, fazer o cerimonial deles⁴⁸.

As idas às casas tinham seus significados e simbolizações, pois não era necessário fazer convites formais, devido ao fato de que quando as comissões faziam suas visitas, significava arrecadação de mantimentos, ao mesmo tempo simbolizava o convite para a festa, que raramente se fazia oralmente, e sim, de forma simbólica, como foi exemplificado. É mencionado na entrevista sobre o acolhimento de uma imagem em uma residência,

⁴⁷ Luiz Tavares dos Santos 87 anos, agricultor, morador na comunidade São Tomé, Andirá-Mirim. Ex-comissário, rezador de ladainha. **Entrevista** 04.07.2017. Barreirinha-AM.

⁴⁸ Benedito Pereira Vieira, 68 anos, vigilante aposentado, residente em Parintins, filho adotivo de Antônio Vieira, ex-morador da região Andirá-mirim. **Entrevista**. 24.05.2017 /2018.Parintins-AM.

característica cultural que não existe mais em grande escala, foi se esvaindo com o passar dos tempos.

Quando a comissão chegava na residência juntamente com a imagem do (a) santo (a), e o devoto quisesse que a comissão pernoitasse na casa, disponibilizava a alimentação e abrigo. Durante a noite, os vizinhos se dirigiam para a residência na qual se encontrava a imagem para participarem da “tiração” da ladainha, e em seguida, havia a festa na batida do gambá, caixinha e tamburinho. Os animadores eram conhecidos como músicos, todos eram Comissários de santo. Essa característica instigava vontade aos jovens em serem integrantes das comissões, pois exigia-se experiência para que fosse possível manejar os instrumentos dos santos (as). Sobre os foliões, Galvão (1976, p. 41-42) diz:

Os foliões, como os empregados, não recebem qualquer pagamento, porem durante as viagens alimentos e bebidas lhes são fornecidos. Essas despesas que ocorrem por conta da irmandade são de pouca monta porque os devotos, além da esmola, sentem-se obrigados a prestigiar a folia com hospedagem e contribuições diretas, em alimentos e bebidas, aos seus componentes. É essa uma maneira de honrar o santo, agasalhando-o em casa, e à bandeira, além de uma ocasião de divertimento pelas músicas que a “folia” proporciona.

Aprender o ritual religioso, tirar ladainha em latim e batucar gambá era algo muito interessante para as distintas gerações que viviam no Andirá-Mirim, fato que parece muito distante do mundo contemporâneo, visto que a sociedade vive em meio a tecnologia, e frequentemente esquece a cultura de seus ancestrais e, desta maneira, tanto a cultura quanto a história se fragmentam e se dissipam no viés educacional familiar e nesta sociedade atual.

Dentro de uma comissão existiam funções muito bem definidas, por exemplo, havia os mordomos tanto para a festa quanto para o mastro. Segundo o Sr. Osvaldino Viana: *“a uma irmandade, pois cada festeiro na região independentemente de qual fosse o santo, tinha seus foliões e seus mordomos em particular”*⁴⁹.

Os mordomos da festa ajudavam com mantimentos, que supririam a despesa da festa, doando alimentos e dinheiro. Diferentemente dos mordomos do mastro, responsáveis por ajudar com produtos que o confeccionariam, sendo eles frutas, derivados da mandioca (beiju, biscoito, tapioca, farinha) e na grande maioria das vezes, contribuição em dinheiro. Todas essas doações dos mordomos constituíam a ornamentação do mastro, pois nas idas das comissões nas casas, eles arrecadavam produtos designados pelos mordomos. Após terem percorrido todos os lugares das proximidades objetivados, retornavam à casa na qual aconteceria a festa.

⁴⁹ Osvaldino de Castro Viana, 71 anos, agricultor, ex-festeiro em honra Nossa Senhora de Nazaré, local pertencente a comunidade atual nossa senhora da conceição, Andirá-Mirim. **Entrevista**. 08.07.2017. Barreirinha-AM.

Em sua chegada, já se aproximando do ambiente da festa, lugar conhecido por todos os visitantes como Cabeceira do Camarão, os comissários eram recepcionados com foguetes e batuque de gambá. Em seguida, já ancorados no porto do festeiro, a população que já se fazia presente formava uma procissão para buscar a imagem do santo (a) e juntamente com os Componentes de comissão, todos subiam cantando no batuque do gambá em louvor ao santo (a). Ao chegarem no barracão da festa, rezavam e cantavam, não importando o horário do dia que haviam chegado. Posteriormente, preparavam a programação noturna. Rotineiramente era estruturada por ladainhas em latim acompanhados por mulheres. Após o momento religioso, servia-se os “comes e bebes” para todos os presentes. “Após a janta os comissários cobriam a face do santo (a), e tinha o “arrasta-pé”, que era a festa acompanhada por instrumentos rústicos, gambá, caixinha, reco-reco e tamburinho”. Essa característica no terreno do dono festeiro, simbolizava a véspera da festa do santo em comissão. Estavam preparados os cenários e as arrecadações necessárias para a promoção da festa em honra à Nossa Senhora do Livramento e outras dezenas de Santos de devoção que configuravam o catolicismo popular no Andirá-Mirim, região pertencente ao município de Barreirinha, Amazonas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo foi motivado pelo fato de ser neto de avós paternos, Antônio Vieira e Maria Nezila, migrantes nordestinos que na região Andirá-Mirim se fixaram e tornaram-se festeiros de Nossa Senhora do Livramento. Busquei compreender como se deu o processo cultural antes e depois da institucionalização das comunidades rurais naquela região. Ao analisar os motivos particulares para alguém tornar-se sujeito festeiro na região Andirá-Mirim, pude entender a importância do festejo para aquela sociedade, como sendo uma diversão, ao passo que também é uma forma de agradecimento pelas graças recebidas, o que pode ser visto quando os moradores fixavam imagens de santos no oratório de suas residências. Nesses lugares, eles os veneravam, em um período na qual não prevalecia o capital financeiro, e tudo se baseava em ajudar uns aos outros para obtenção de alimentos para suprir as necessidades familiares.

Essa é uma característica das atividades econômicas da população do Andirá-Mirim, no qual os “puxiruns”, eram festas tanto para realização de trabalhos diários quanto para a organização de suas festas. Nas festas de santo eram formados grupos de pessoas denominados “comissários”, que se disponibilizavam em integrar as comissões com a finalidade de ajudar homenagear ao santo em agradecimento pelas graças recebidas. Em suas idas obtinham arrecadação de mantimentos para a festa. Esses festejos ganharam destaque na supracitada

região com a chegada dos povos nordestinos em terras Amazônicas, hibridando suas culturas, tendo “os santos em comissão” como exemplo disso, uma cultura repassada de pai para filho, tanto a cultura festeira como seus rituais, tiração de ladainha, batuque do gambá, rufar de tambores e a fabricação de instrumentos rústicos pelos próprios organizadores desta festa. Essa característica influenciava filhos e netos a aprenderem esta cultura com o objetivo de ser integrarem as comissões da festa.

Portanto, a característica cultural festejada por Antônio Vieira e por dezenas de Andiraenses sofreu modificações com o surgimento das comunidades institucionalizadas pela diocese do município de Parintins, Amazonas. Neste sentido, tendo que se adaptar, e como característica de resistência cultural, o festejo dos marujos no distrito de Freguesia do Andirá comemorada no mês de dezembro obedeceu às regras da paróquia do Município de Barreirinha-Amazonas, tendo de doar certa porcentagem em dízimo dos lucros arrecadados durante a festa para que pudessem realizar seus rituais culturais.

FONTES ORAIS

SOUSA, Luiz Alvez de. 84 anos. Ex-comissário, encarregado de Santo. **Entrevista realizada em 2017.**

SANTOS, Luiz Tavares dos. 87 anos. Ex-comissário, rezador de ladainha. **Entrevista realizada em 2017.**

SILVA, José Domingos Belém da. 61 anos, Professor, descendente de nordestino. **Entrevista realizada em 2018.**

VIANA, Osvaldino Castro. Agricultor aposentado, ex-festeiro. **Entrevista realizada em 2017.**

VIEIRA, Benedito Pereira. Ex-morador da supracitada região, aposentado. **Entrevista realizada em 2017.**

REFERÊNCIAS

AVILA, Cristian Pio. **Os Argonautas do Baixo Amazonas.** Tese. Antropologia Social. UFAM, Manaus-AM, 2016.

BARROS, José D’Assunção. História, região e espacialidade. In.: **Revista de História Regional 10(1): 95-129, Verão, 2005.**

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In.: Pinsky, Carla (org.) **Fontes históricas.** 2.ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Formação Social e Cultural.** 3ª ed. Manaus: Valer, 2009.

CASTRO, Hebe. História Social. 1997. In. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da história**: ensaios de teorias e metodologias. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral e narrativa**: tempo, memória e identidades- HISTÓRIA ORAL, 6, 2003, p. 9-25

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e história social: Historiografia e pesquisa. **Proj. história**, São Paulo, (10), dez 1993.

GALVAO, Eduardo. **Santos e visagem**: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas. 2. Ed. São Paulo Ed. Nacional: Brasília, INL, 1976.

GOMES, Ângela de Castro. **A guardiã da memória**. Acervo - Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v.9, nº 1/2, p.17-30, jan./dez. 1996.

KOHLHEPP, Gerd. **Conflitos de interesse no ordenamento territorial da Amazônia brasileira**. *Estudos Avançados* 16 (45), 2002. p. p. 37-61.

LOUREIRO, Violeta Refkalefstky. **“Amazônia uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir”**. Dossiê Amazônia Brasileira. *Estudos Avançados – USP*, São Paulo, vol. 16, nº 45, Mai/Ago. 2002. p. p. 101-121.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Comunidades “no sentido social da evangelização”: cebs, camponeses e quilombolas na Amazônia oriental brasileira- **Religião e Sociedade**, *Rio de Janeiro*, 30 (2): 13-37, 2010.

MAUÉS, Heraldo Raimundo. Outra Amazônia: os Santos e o Catolicismo Popular. **Norte Ciência**, vol. 2, n. 1, p. 1-26 (2011).

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história Oral diferente: **Proj. história**, São Paulo, (14), fev. 1997.

_____. Tentando aprender um pouquinho: Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Proj. História**, São Paulo, (15), Abril. 1997.

SILVA, Patrícia Regina de Lima. **Memórias de Mulheres Nordestinas na Parintins dos anos de 1950-1970**. Tcc de História. Universidade do Estado do Amazonas, UEA, Parintins, 2014.

TAVARES, Ananda Roberta Nunes. **“JOÃOS, JOSÉS E MARIAS”**: **Experiências e trajetórias de vidas entre o Nordeste e a Amazônia (1960-2000)**. Tcc de História. Universidade do Estado do Amazonas, UEA, Parintins, 2017.